

*MUSLIM: WOMAN*

Estava fazendo bolinho da minha vida, vida da qual eu lhe dedicara quase que com exclusividade vários anos seguidos. Estava fazendo tudo tão ao contrário do que eu esperava que ele fizesse que aquilo ia aos poucos anulando minha existência, numa prova cabal de que ele não me via; e de que, se eu quisesse ser vista, precisava me mostrar. Mas como isso eu não faria por ninguém no mundo, nem faria por mim, quem quisesse que me visse, se quisesse me ver.

Só estávamos naquele aeroporto africano, em escala prolongada, no mais abafado calor que já senti na vida, por culpa dele, que não me ouvira, que parecia mesmo não ter me visto direito quando planejáramos a viagem. Olhei sinceramente para ele em certo momento, com toda a minha boa vontade, procurando me encontrar na cara e na vida dele, onde talvez eu nunca tivesse estado, e me perguntei com calma extrema como é que eu tinha me casado justamente com ele. O aeroporto perdia-se de vista em seus vastos salões de piso reluzente, por onde transitava apressada ou vagarosa gente estrangeira de variada espécie, árabe, moura, branca e negra em grande parte. O corpo bambo de calor, sentei-me numa poltrona do saguão pouco ocupado. Ele sentou-se logo depois, a meu lado, examinando nossos papéis e passagens. Larguei de lado a mala que me dava raiva, e a coisa tombou num estardalhaço que ele, bem rápido e prestativo, tratou de desfazer, levantando a mala com ar risonho. Olhei de novo para ele com sinceridade, com boa vontade, com a mais delicada das atenções que eu pudesse dispensar a um ser humano àquela altura da minha vida. Mas a verdade é que eu andava quase querendo me separar dele, que vinha encontrando nele há certo tempo somente defeito em cima de defeito, na boca que parecia maior do que devia, numa expressão de leseira na cara, no cheiro às vezes, no mais íntimo movimento dele. Um coitado, eu me dizia, uma marmota escrita. Como se o homem que eu quisesse estivesse a léguas de distância impercorível.

No salão quase vazio sentamo-nos, sob a tensão do episódio da mala. Eu tinha atravessado aqueles salões do aeroporto transtornada pelo calmo desespero da descoberta de que finalmente eu era uma farsa. Arrastando pelos salões a grande mala de rodinhas que rangiam, eu era uma farsa escandalosa, barulhenta, eu que sempre preferira malas sem rodas, de tamanho médio e cor cinza discreta, que passasse mais ou menos despercebida. As rodas (tanto da minha quanto da mala dele) tinham sido decisão dele, resultado da praticidade que ele costumava tentar aplicar a cada atitude, a cada passo seu: assim não carregaríamos peso, ele dissera, sem lembrar (ou sem ter a menor idéia) de que para mim o peso estava exatissimamente na zoadá das rodas pelo piso do aeroporto; sem ter a menor idéia (ou sem se lembrar) de mim, em resumo, eu que desde menina encolhia-me muito quando da coisa pública, talvez por uma noção muito aguçada do grande escândalo que eu naturalmente era e podia, num décimo de segundo, tornar público.

Desde menina eu me criei abrigos, inventei guaritas e trincheiras, longas e detalhadas histórias de proteção, de autodefesa, de cobras que perseguiam macacos que se escondiam estrategicamente dentro de pneus velhos, fechados de todos os lados, com uma única abertura para os olhos e o nariz. O exército de macacos saía rolando ladeira abaixo, pneu atrás de pneu, e esmagando cobra atrás de cobra. Eu adorava aqueles macacos e a invenção deles. Ou então era outra história que eu criei e contava a meus irmãos: a de um monstro, que eu chamava de gente-animal, e sua perseguição a uma pobre menina de saia branca plissada e engomada. O gente-animal queria roubar a saia da menina, lindo e ansiado presente de Papai Noel, para dar à filha dele, a monstrinha, que eu chamava de gentinha-animal. Até que a menina sempre se salvava, escondendo-se em seu abrigo secreto na floresta — uma enorme pedra redonda, cuja entrada era disfarçada sob uma flor de girassol.

Entretanto, naquele aeroporto e por causa da mala, eu fora atingida por ele na minha reserva, na minha necessidade de discrição e defesa. Na travessia arrastando a mala de rodas, o chão polido refletira minha imagem por inteiro, uma sombra contra a qual eu mesma pisava, um espelho que expunha aos quatro cantos a farsa que eu era. E mais, duplamente: a lâmina do chão exibiu minhas pernas morenas, quiçá minha roupa íntima e branca, sob minha saia curta demais talvez para aquele aeroporto estrangeiro; e eu fui objeto de olhares suspeitosos de homens negros que hesitavam, como se constatassem — pelas ondas largas do meu cabelo, pelo tom avermelhado da minha pele escura mas bronzeada de sol, pelo meu perfil rombudo — que eu era e não era dali,

o que só fez crescer em mim a sensação de que eu era um grandíssimo nada. Tudo aquilo queria dizer, enfim, que até isto ele tinha feito contra mim: me exposto ao ridículo de que todos soubessem que eu não passava de um fantasma. Nem se poderia dizer, pensando com generosidade, que ele tivesse me ajudado de algum modo a descobrir que eu era uma farsa (nem isso ele fez por mim). Era a simples existência dele a meu lado, em certas ocasiões, que não me outorgava senão um status de fantasma.

E o amorzinho cego que ele me oferecia — e que ele sempre achava que era um amor enorme, maior que ele próprio e o universo e a lua e as estrelas —, o amorzinho que ele me oferecia (e que ele dizia imorredouro, coisa na qual eu já não acreditava; por convicção àquela altura da minha vida, não por desconfiança), o amor que ele me oferecia não compensava o fato de ele não me enxergar como eu precisava que me enxergasse.

Começamos a discutir, embora minha vontade fosse guardar comigo aquilo, para que ele nunca soubesse o motivo exato de por que eu o largaria, se fosse largá-lo; assim estaria consumada de fato a espécie de aparição que eu era e ele nunca compreendia direito, e da qual ele às vezes só traçava risíveis contornos bem-intencionados, incapaz de ver adiante, coitado. Era uma burrice nata que ele tinha para certas coisas, e que me irritava.

—Eu não acredito que você não veja que eu acabo virando um fantasma seu muitas vezes. Criado por sua máxima desatenção. É isso que eu sinto — disse, num tom de voz quase alto, odiando-o.

—Mas você está brigando comigo por causa de uma mala de rodas!! Isso é um absurdo!

—A mala de rodas é um detalhe, Eduardo. É consequência, a centésima oitava consequência de tudo, dessa espera idiota aqui, por exemplo, culpa absolutamente sua, que só me fez, aliás, passar vexame.

—Os vexames que você passa são problema inteiramente seu! Você vá descobrir seus problemas e resolver — respondeu, me odiando.

—É isso. É exatamente isso. Você não tem qualquer interesse em pensar naquilo que pode ser um problema pra mim, em me enxergar como eu sou, como eu estou... Você viu, por acaso, como aquele grupo de homens me olhou?

—Eu não tenho nada a ver com o jeito como os homens olham pra você. Eu não posso ser responsável por você ser menos ou mais escura num aeroporto africano. É pedir demais, não acha não?

—Eu não estou pedindo nada, Eduardo. Vá pro inferno. Não distorça o que eu disse. Não adianta, você não entende uma palavra do que eu digo.

—Você é que não deve me confundir desse jeito com suas coisas.

—Você é que não devia me esquecer tão descaradamente como você faz; esquecer de quem eu sou, entende? Porque aí quem arma a confusão é você, meu filho.

Talvez aquilo não fosse nunca mais dar certo, eu disse a mim mesma, quase resignada. Só não sabia por que tínhamos precisado ir tão longe (numa espécie de viagem de reconciliação inútil, eu desconfiava) para descobrir. Não ia tentar explicar a ele o que eu já tentara dezenas de vezes. E explicar o quê, afinal, assim tintim por tintim? Que quando eu era menina, por uma necessidade de não morrer, eu criava, me contava e contava aos outros histórias de abrigo e autodefesa? Era me pedir demais. Além do que era como se ele não tivesse noção dessas sensações minhas indecifráveis inclusive para mim um pouco. Ele então não poderia me ajudar. Além do que, o simples fato de precisar explicar, dizer, lembrar a ele o que eu era diminuía-o espantosamente a meus olhos exigentes, sim, exigentes.

Ficamos algum tempo em silêncio, até ele dizer que ia comprar um jornal. Saiu da poltrona e postou-se na minha frente, meio ajoelhado, meio ridículo — mas meio menino que me emocionava sempre, a cabeça no meu colo por um breve segundo —, e veio me dar um beijo, como para me lembrar do gosto que ele tinha; pressionou meus lábios com força, procurando abrir o caminho que eu (por vontade de chorar, mais do que de beijar) enfim abri. Depois ele deitou a cabeça um pouco no meu ombro, enquanto eu sufocava minha vontade de chorar, de me desmanchar ali mesmo de amor e de tristeza igualmente — é que eu sabia que eu ia me lembrar para sempre daquela minha tristeza, da nossa, do que nele me afastava dele. É que eu não acreditava mais em amor imorredouro. Sufoquei o quanto pude o meu choro, mas meu rosto se contraiu sem querer (sem eu querer?), e uma lágrima desprendeuse, somente uma, mas volumosa o bastante, grossa, e foi por ela, no décimo de segundo que ela levou para se formar nas profundezas do meu olho, subir à superfície turvada, soltar-se e rolar por meu rosto, foi através da água ondulante dessa lágrima que vi a mulher muçulmana sentada à minha frente, um pouco à direita de mim, e que devia estar há tempos me observando. Afastei sem querer, ligeiramente, do meu ombro, a cabeça do homem, como se se tratasse de um ato obsceno tê-lo ali. Ele então saiu em busca do jornal. E toda turbulenta e marejada, como se o olho dela estivesse dentro do meu, eu estava vendo pela primeira vez a mulher muçulmana toda coberta de preto, de cima a baixo, a mulher que de visível só tinha os olhos, ainda que por trás de uma leve gaza de véu preto.

De primeiro eu tive vontade de rir, mas seria um riso de nervoso, sinal

de que eu rememorava numa série de flashes velozes o que tinha acontecido ali e ela tinha assistido, toda a seqüência de obscenidades a que eu tinha me exposto ali diante dela. Descruzei imediatamente as pernas, com medo de que não fosse decente o meu jeito. Mas meus olhos ainda estavam nos olhos dela, e não conseguiam sair. Eu imaginava se ela teria visto o meu choro — muito provável que sim, como se meu olho tivesse sido um peixe na hora daquela lágrima, um peixe nadando em mar salgado e revolto, e tivesse sido fígado, engolido, pelo peixe maior que eram os olhos dela. Muito provável que ela também tivesse visto a mão com que disfarçadamente eu sequei de pronto o rosto molhado. De modo que, perdida como eu estava, não me restava senão desprender dela o meu olhar fixo, e olhá-la na contrapartida, como mulher livre e liberada que eu era. Tornei a cruzar as pernas, aceitando a troca de insultos. Foi então que ela desviou os olhos e eu me envergonhei profundamente de mim, e do pecaminoso e contaminado Magrebe de onde eu vinha. Voltei a descruzar as pernas, sentindo-me nua diante do turbante, do véu, do manto todo negro. Mas quando acendi um cigarro, nervosa, os olhos dela se voltaram de novo para os meus, e se avivaram em brasa brilhante de pura surpresa, e eu acho que os lábios dela se mexeram suavemente (se contorceram num esgar? se abriram em ligeiro e leve alarma?) por trás do pano que se ondulou com sutileza. Eu vi muito bem. Ela me olhava na verdade com uma ternura resignada.

Invejei por um momento aquela indumentária de viúva negra, eu lá no meu luto desabrigado, exposto num salão de aeroporto. A viúva negra de todos os homens, a viúva negra que havia em todas as mulheres, tive enorme curiosidade de saber o que era que ela velava assim tão eternamente. E se ela se desvelava e se revelava de noite. Se eu fosse menina, aproximava-me dela e perguntava se ela andava a camelo e comia tâmaras. Mas como eu era apenas outra mulher, minha vontade era a de perguntar se ela seria minha confidente, se guardaria por trás daquele manto todos os segredos que eu lhe contasse, e se me diria, também em segredo, como era que ela se despia de noite — se era diante do marido, e se ele a via.

Entramos assim, ela e eu, num diálogo em código secreto, mudo e desconexo:

ELA: O que foi que o Profeta te disse, mulher?

EU: Mais fácil se o homem tivesse sobre mim, como um califa, o direito de vida e de morte, reconheço.

ELA: Porque Alá é conosco.

EU: O teu povo não me converterá.

ELA: Ou andarás em trevas, sem rumo, sem homem.

EU: Eu sou como a gazela que foge, como o rebanho que ninguém recolhe.

ELA: Castigou-te por causa de tua maldade, de tua soberba.

EU: Pois vou pelo deserto, numa peregrinação solitária.

ELA: Andam todos uivando e chorando abundantemente.

EU: Pois vou para um lugar que só eu conheça, onde somente eu fique, por Deus.

ELA: Porque Alá é conosco.

A curiosidade já me matava quando criei coragem e me dirigi ao bebedouro encostado à parede, somente duas poltronas depois de onde ela estava. Inclinei-me para beber água e vi na mala cinza, de tamanho médio, ao pé dela, uma etiqueta onde havia escrito em dois tipos de caracteres: ADAMA ACSA SHARIFF, o nome dela. Bebi mais água, já resolvida a falar com ela na volta, só para testar se ela não era mais uma das minhas invenções, só para testar se ela falava ou era como uma boneca de pano, com a meia dúzia de filhos que ela devia ter em algum lugar do mundo, ao norte de não sei que montanhas povoadas de mesquitas sob um sol escaldante.

Aproximei-me dela o mais espontaneamente que pude, e perguntei em inglês se ela falava minha língua (inglês, o que só me fez lembrar de súbito o quanto eu era um grandíssimo nada nos aeroportos do vasto mundo onde minha língua nativa nada era).

— *Yes, madam* — respondeu, por trás do véu, num estágio intermediário entre o respeito e o nada.

Chocada com que tivesse falado assim tão simplesmente, alto e bom som, chocada pelo “*madam*” de princesa com que me tratara, inventei de perguntar se ela sabia onde ficava o toailete, que eu não vira placas.

— *Yes, madam* — e me indicou onde era, no mesmo estágio, sob o mesmo véu inalterado.

Agradei, voltei praticamente feliz ao meu lugar, pela ousadia que eu tivera, a audácia, e a normalíssima gentileza dela: “*madam*”, ela me tratara. Feliz com que tivéssemos uma identidade, aquele código secreto em língua estrangeira, duas mulheres tão diferentes que éramos.

Meu marido então vinha voltando, um jornal debaixo do braço e empurrando um daqueles carrinhos de carregar bagagens. Dei uma boa risada, gostando de ver como ele me surpreendia. Ele riu também, pondo nossas duas malas no carro. Esqueci-me de Adama por um instante e pulei no pescoço dele, beijando-o duas vezes no rosto. Ou talvez eu nem tenha me esquecido de Adama, e tenha na verdade desejado mostrar a ela que naquele momento eu aceitava, quase resignada, não saber por que eu tinha me casado justamente com ele, que nem sempre me via. Talvez eu

tenha desejado confidenciar a ela que de noite, quando eu acordasse no meio da noite, uma de minhas pernas estaria entre as dele, no lugar onde eu mais gostava de dormir, no meu abrigo mais valioso.

Fomos saindo ele e eu para nosso próximo embarque. Mas eu não me esqueceria de virar para trás e dizer a ela:

— *Goodbye.*

Ela tirou o véu e respondeu, sorrindo:

— *Goodbye, madam.*

E ela era tão linda. E foi o mais lindo sorriso de mulher que já me deram.